



JONAS RIBEIRO

ALFA
BETICO

ALMANAQUE
DO ALFABETO
POÉTICO



SUPLEMENTO
DO PROFESSOR

Elaborado por
CAMILA TARDELLI



Editora
do Brasil

Alfabético – Almanaque do alfabeto poético é um livro repleto de possibilidades de trabalho em sala de aula. Há quadrinhas, adivinhas, haicais, narrativas, poemas e outros textos em que as letras de nosso alfabeto, de **A** a **Z**, ganham corpo, transmitem ideias, dúvidas, questionamentos, desejos e poesia.

1. Um livro, todas as letras e muitas possibilidades

A sugestão é que a leitura do livro não seja linear, nem ininterrupta, mas que seja feita como um jogo divertido, lendo-se pouco por aula. Escolha um momento para trabalhar a leitura do livro com os alunos; pode ser o início ou o fim do período de aula. Você pode propor que escolham a letra a ser trabalhada nesse dia ou mesmo sorteá-la.

Abuse da ludicidade, transformando esse momento de leitura do *Alfabético* em instantes de alegria, curiosidade e criação. Separe tempo suficiente para realizar a leitura silenciosa e, em seguida, comentar a obra e propor uma atividade de produção de textos.

Escreva a letra selecionada na lousa. Peça que observem o formato da letra e tentem apontar o que o desenho dela transmite. De que outras maneiras ela pode ser escrita? Peça a cada um que escreva na lousa essa letra. É possível fazer uma letra **A**, por exemplo, com traços mais finos ou mais grossos, com retas ou curvas. Peça que digam todas as palavras que vierem à mente deles com a letra selecionada. Encha a lousa com palavras. Se possível, usem dicionários e procurem juntos o significado de palavras desconhecidas.



2. O corpo das letras

Este é um jogo teatral. Afastem todas as carteiras da sala de aula ou, se possível, leve os alunos a um espaço aberto da escola, como a quadra. Organize a turma em dois ou três grupos. Combine que você falará no ouvido do líder de cada grupo determinada letra, e os alunos terão 30 segundos para formar com o corpo essa letra. Fotografe os melhores resultados. Guarde as fotografias para ilustrar o trabalho final da turma. É possível também criar pequenas palavras, dessa vez contando com a sala toda. É um excelente exercício para desenvolver o espírito de equipe, a organização e o ritmo, afinal todos terão de colaborar e estar muito atentos para alcançar a meta estabelecida.

3. O binômio fantástico

O escritor italiano Gianni Rodari escreveu um excelente livro – *Gramática da fantasia* – sobre a criação literária, especialmente sobre o desenvolvimento da fantasia. A obra apresenta,

entre tantas outras atividades, o conceito de binômio fantástico. Trata-se da aproximação de palavras de universos diferentes, que cria uma associação inusitada, a fim de despertar uma estranheza no ouvinte/leitor, que, ao tentar resolvê-la, desenvolverá o esboço de uma narrativa. Rodari exemplifica com a palavra “cão”; se a aproximarmos de “cavalo”, não teremos um binômio fantástico, afinal elas pertencem ao mesmo universo. Já a associação “cão-armário” causa certa estranheza, pois as palavras estão desambientadas, uma é estranha à outra. Quando elas se aproximam, passamos a fazer perguntas e procurar resolver a estranheza. Rodari sugere, então: “cão com o armário”, “armário do cão”, “o cão sobre o armário”, “o cão no armário”. Cada uma dessas construções gera uma imagem de uma situação fantástica. Desde um cão passeando com um armário nas costas até cães que saltam de todos os armários da casa, as possibilidades de criação são muitas.

Brinque com os alunos. Sugira a criação de binômios fantásticos, se possível com a mesma letra, para seguir a ideia do *Alfabético* e, em seguida, listem, juntos, todas as construções sintáticas que os alunos vierem a elaborar. Anote-as na lousa, organize-os em duplas e peça a cada uma delas que escolha uma dessas construções e elabore um esboço de narrativa.

É uma excelente oportunidade para trabalhar os elementos da narrativa e ensinar os alunos a criarem um conflito (que pode surgir do próprio binômio fantástico) e a escrever textos narrativos de qualidade. Trabalhando com cuidado o surgimento do conflito, o clímax – ponto mais alto de tensão da história – o desfecho e o final da narrativa.

Trabalhe com os alunos, também, a ilustração dos textos ajudando-os a perceber o papel narrativo das ilustrações, que não devem meramente reproduzir o que as palavras dizem, mas podem trazer informações extras, contribuindo para o desenvolvimento da narrativa.

Peça a cada dupla que planeje a leitura de seu texto em voz alta. Em seguida, faça um concurso para escolher as duas narrativas que mais agradaram os alunos. Após escolherem, digite as histórias escritas e projete-as em uma grande tela, se possível, para que possam revisá-las em conjunto, fazendo alterações gramaticais e outras que julgarem necessárias, desde que com o consentimento da dupla que escreveu o texto. Após terminar a revisão das histórias, compare os textos iniciais e os finais e ajude os alunos a perceberem o papel da revisão na construção de textos escritos.

Socialize as narrativas elaboradas com as outras turmas: produza, com os alunos, cartazes ampliando o texto e a ilustração das histórias.

4. Brincando de stop

Você certamente já brincou de stop alguma vez; os alunos talvez conheçam essa brincadeira também. O jogo em sala de aula é, ao mesmo tempo, um momento de descontração e de aprendizado. É também uma maneira de aprofundar o vínculo com os alunos estabelecendo uma relação afetiva com eles. Afetividade não significa (apenas) carinho físico ou compreensão em demasia, mas confiança. Criar laços com os alunos ajuda-os



a perceber que você se importa com eles e que pretende dar boas aulas sem deixar o lúdico, a diversão e a alegria de lado. Fazer essas atividades no final do período (fim da manhã ou fim da tarde) pode ser uma ótima ideia; nesses momentos, os alunos estão cansados e irão gostar de aprender de outra maneira.

Para começar, coloque todas as carteiras em círculo. Em seguida, distribua folhas de sulfite ou de caderno para eles e peça que usem as folhas na horizontal. Solicite que dividam-nas em dez colunas. Na primeira, deverão escrever NOME (de pessoa); na segunda, ANIMAL; na terceira, FRUTA; na quarta, OBJETO; na quinta, PROFISSÃO; na sexta, CEP (cidade, estado ou país); na sétima, “MEU AMIGO É...”; na oitava, ROUPA; na nona, COR; e na última, TOTAL.

Quando a brincadeira começar, sente-se junto com os alunos, de maneira que todos possam se olhar nos olhos. Sorteie, então, uma letra do alfabeto e peça que escrevam um nome de pessoa, de um animal, de uma fruta etc. com a letra escolhida. O aluno que terminar primeiro deverá gritar STOP (“pare”, em inglês). No momento de contar os pontos, ganha 10 quem colocou uma palavra que ninguém mais escreveu e 5 aquele que colocou uma palavra que foi usada por outro(s) aluno(s). Assim, nessa brincadeira, cobram-se da criança tanto rapidez quanto vocabulário, pois os alunos que escrevem palavras comuns ganham menos pontos. Após cada rodada, eles devem fazer a soma dos pontos e colocá-la na última coluna da folha.

Estabeleça um tempo para a brincadeira, por exemplo, 20 minutos, ou ainda um número de rodadas, por exemplo, dez roda-

das. Quando o tempo ou o número de rodadas terminar, os alunos deverão fazer as contas e ver quem é o vencedor. Confira a soma que os primeiros colocados fizeram e parabeneze o vencedor.

É possível criar outras categorias, como LIVRO, FILME, COMIDA etc. É possível também aproveitar as categorias da brincadeira para, posteriormente, estudar substantivos e adjetivos. Os substantivos surgirão nos NOMES, ANIMAIS, FRUTAS, OBJETOS, CEP, ROUPA e COR; os adjetivos surgirão na categoria MEU AMIGO É... Seria interessante ainda colocar a categoria VERBO; assim os alunos brincam de stop ao mesmo tempo que aprendem algumas das classes gramaticais.

5. Entre princesas adivinhonas e príncipes adivinhões

Há diversos contos populares com adivinhas. O conto de adivinhação é uma das categorias apontadas pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo, um dos maiores pesquisadores de narrativas tradicionais do Brasil. O escritor Ricardo Azevedo escreveu o livro *Contos de adivinhação*, publicado pela Editora Ática, que reúne algumas das principais histórias de adivinhar de nosso país. Trabalhar com essas histórias em sala de aula, mostrando aos alunos o papel central das adivinhas nessas narrativas, é uma atividade interessante. Por meio desses contos, além de estudar as adivinhas, os alunos podem estudar outros elementos da narrativa, como o espaço, o tempo e os personagens.

Em uma segunda etapa do trabalho, você pode sugerir a eles que elaborem, em duplas ou trios, narrativas com base

em adivinhas. Antes, ensine-os a redigir um bom projeto de texto apresentando os personagens e o conflito, descrevendo o espaço, apontando o tempo da narrativa e como o enredo será construído. Ajude os alunos a construírem personagens bem elaborados. Estimule-os a pensar em como será o personagem que fará a(s) adivinha(s) e como será aquele que irá respondê-la(s). Que características teriam pessoas capazes de criar e de responder adivinhas? Será que essas características seriam fáceis de serem identificadas observando-se apenas o lado externo das pessoas, sua aparência física, sua maneira de se vestir? Ou seriam características mais sutis, menos fáceis de serem identificadas de imediato? Essas perguntas também podem ser feitas ao longo da leitura dos contos de adivinhação, ao se analisarem, por exemplo, personagens aparentemente bobos, chamados inclusive de bocós, mas que são os únicos que conseguem fazer/resolver as adivinhas.

Para produzir os projetos de texto, estimule os alunos a elaborarem uma descrição detalhada dos personagens prin-



cipais. Passe para eles exercícios de descrição. Por exemplo, peça que descrevam o quarto do personagem, ou o que ele tem na bolsa ou nos bolsos, como era quando criança, que brincadeiras gostava de fazer. Solicite que escrevam os sonhos, os medos, as paixões e as manias do personagem.

Explique a eles, depois da construção dos personagens, que não é necessário, nem desejado, que escrevam no conto de adivinhação todas as características descritas, porém eles devem escolher algumas delas, misturando uma de uma lista com outra de uma segunda lista, a fim de produzir um texto interessante, e deixar espaço para o leitor visualizar o personagem – informações demais deixam o texto poluído e dão pouco espaço ao leitor.

Trabalhe também com a turma a finalização das histórias. Em contos tradicionais é comum haver fechamentos como os seguintes:

“Entrou por uma porta e saiu por outra.

Quem quiser que conte outra.”

“Entrou por uma perna de pato,
saiu por uma perna de pinto.

Quem quiser que conte cinco.”

Peça que as duplas ou trios, após terminarem as narrativas, criem fechamentos rimados como esses.

Para terminar, combine com o professor do 1º ano, e leve os alunos para contar as histórias que criaram aos colegas mais novos. Antes da apresentação, ensaie com eles a melhor maneira de contar (ou mesmo de ler, se preferirem) a história que inventaram.



6. Brincadeira cumulativa

Além das narrativas cumulativas (ou acumulativas), como *O melhor da festa*, de Nye Ribeiro, ou *A velhinha e o porco*, de Rosinha, ambas da Editora do Brasil, e das canções cumulativas, como *A velha a fiar*, da cultura popular, há as brincadeiras cumulativas.

Organize as carteiras em círculo e escolha uma das letras do alfabeto. Peça a um aluno que diga uma palavra com a letra sugerida, por exemplo, **A**. Suponhamos que o aluno diga a palavra ALMOÇO. O próximo aluno não pode usar essa palavra nem dizer uma de mesma família semântica, como a palavra ALMOÇAR. Este segundo deverá repetir a palavra do primeiro e falar a sua. Por exemplo, ALMOÇO, AVESTRUZ. O terceiro aluno deverá repetir as duas palavras anteriores e dizer a sua. As palavras nunca podem ser repetidas ou esquecidas. Faça uma rodada de exemplo, ajudando os alunos a memorizarem as palavras. Nesse momento, você pode ensinar técnicas de associação, como a de guardar a palavra dita pelo colega olhando bem dentro de seus olhos. Quando o aluno tiver de falar todos os vocábulos ditos anteriormente, na sequência exata, ele poderá circular pela sala de aula, olhando nos olhos de cada um, a fim de recuperar as palavras.

Assim que julgar que a turma já entendeu a brincadeira, pode começá-la para valer. Aquele que esquecer a sequência, sairá do jogo; os demais continuarão até que reste apenas um aluno, que será o vencedor da disputa. É uma atividade interessante para treinar a memória, ampliar o vocabulário – você pode anotar al-

gumas palavras diferentes que surgirem durante a brincadeira e depois conversar sobre elas – e para estabelecer vínculo entre professor e alunos e entre os alunos.

Sugestões de leitura:

- *O grande rabanete*, de Tatiana Belinky. Editora Moderna.
- *A casa sonolenta*, de Audrey e Don Wood. Editora Ática.

7. Finanças

A partir do mote abaixo, retirado da letra D do *Alfabético*, trabalhe com os alunos a gestão do dinheiro, a economia.

“De tanto desperdiçar dinheirinho, Dimítri nunca tem dinheiro. De tanto depositar dinheirinho, Dina já tem um dinheirão”. É possível trabalhar tanto do ponto de vista do macro – como a gestão do dinheiro da cidade, do estado, do país – quanto do micro – como a gestão do próprio dinheiro ou do dinheiro da escola.

Esse trabalho pode ser desenvolvido de maneira interdisciplinar, em colaboração com o professor de Matemática. Seria interessante partir de uma conversa com os alunos sobre a gestão do dinheiro que porventura recebam dos pais, como uma mesada, e de como lidam com ele, se costumam poupá-lo ou se gastam tudo imediatamente. Depois, você pode indagar se algum aluno conseguiu comprar algo que tivesse um valor bem mais alto do que a mesada e como fez para economizar. Nesse contexto, o professor de Matemática pode trabalhar porcentagem, por exemplo, e ajudar os alunos a compreender como alguém pode se planejar para comprar algo de valor. Trabalhar a educação financeira é fundamental para conscientizá-los para que sejam consumidores conscientes.



Uma segunda opção de trabalho, especialmente caso a escola seja pública, é trabalhar com os alunos o dinheiro gasto pelo colégio na aquisição de carteiras, de materiais escolares, higiene etc. Assim, eles podem aprender Matemática de uma maneira contextualizada e ainda entender a necessidade de respeitar e economizar, além de ajudar na organização de eventos para angariar fundos para a escola.

Será interessante também usar notícias de jornais com palavras como “juros”, “inflação”, “consumismo” e “impostos” e pedir aos alunos que digam o que sabem a respeito delas, se conseguiram entender os textos selecionados etc. Depois dessa conversa inicial, vocês podem trabalhar com esses conceitos e até desenvolver um projeto mais complexo, que envolva também as disciplinas de Geografia e Arte: a criação de uma cidade fictícia, com foco nas trocas monetárias e na organização financeira do município. Para esse projeto, vocês podem começar perguntando: O que é indispensável em uma cidade? O que é indispensável para os cidadãos? Com base nisso, podem elaborar a construção de espaços como escola, hospital, praça, mercado, prefeitura etc. Pode ser feita uma maquete ou até mesmo organizar um ambiente da escola para construir a cidade fictícia; a intenção é simular o planejamento necessário para que a cidade tenha autonomia financeira. Depois disso, juntos, professores e alunos podem elaborar planilhas de impostos e gastos com saúde e educação, por exemplo, a fim de cruzar o que a cidade arrecada e o que ela gasta. É interessante, nesse momento, falar sobre a importância de ter reservas financeiras e trabalhar com a ideia de imprevistos, questionar

os alunos sobre que tipo de eventualidades financeiras uma gestão pode enfrentar e como ela poderia estar preparada para resolvê-las. Além dessas questões que são concernentes à disciplina de Matemática, é possível que surjam algumas discussões ou impasses entre os alunos a respeito da gestão das finanças, da ocupação dos espaços etc. Nesse contexto, a disciplina de Geografia pode auxiliar na discussão sobre espaço urbano, planejamento, democracia, entre outros assuntos. É um trabalho grande que pode ser desenvolvido durante o ano letivo ou adaptado para ser realizado em menos tempo.

8. Cultura brasileira

Desenvolva um projeto de cultura brasileira a partir do mote, retirado da letra F, “Um brinde à nossa Fauna! À nossa Flora! Ao nosso Folclore!”. Esse é um trabalho interdisciplinar que envolve, além de Língua Portuguesa, as disciplinas de Arte, História, Geografia etc.

Se possível, trabalhe em conjunto com os professores das outras disciplinas. Para começar, perguntem aos alunos o que é cultura brasileira. Peçam que digam palavras que representem a cultura do nosso país. Enquanto eles falam, escrevam as palavras ditas na lousa. Depois, registrem as anotações (tirem uma fotografia da lousa, por exemplo).

O passo seguinte, pode ser discutir a formação do Brasil: Como chegamos ao que somos hoje? Quais foram os processos pelos quais nosso país passou? Que outros povos aportaram aqui? Que culturas trouxeram? Que elementos de nosso





cotidiano vêm dessas culturas? O que é cultura? Cabe aqui levantar com os alunos o conceito de cultura como algo que represente as tradições, as crenças, as maneiras de organizar, a alimentação, a língua, a arte etc.

Em seguida, vocês podem organizar os alunos em grupos de três ou quatro crianças e sortear para cada um deles um tema, como estes a seguir: 1) As contribuições africanas para a cultura brasileira; 2) As contribuições indígenas para a cultura brasileira; 3) As contribuições portuguesas para a cultura brasileira; 4) As contribuições alemãs para a cultura brasileira; 5) As contribuições italianas para a cultura brasileira; 6) As contribuições japonesas para a cultura brasileira; 7) As contribuições árabes para a cultura brasileira.

Cada grupo deverá planejar a apresentação de um produto sobre o tema pesquisado. Podem ser *slides*, um livro, um vídeo, uma maquete, um folheto, um almanaque etc. A ideia de trabalhar com almanaques pode ser interessante, já que recupera o gênero textual do livro *Alfabético*.

Para finalizar, organizem, primeiramente, um momento de troca, a fim de que os grupos possam conhecer os traba-

lhos desenvolvidos pelos colegas. Em seguida, organizem uma roda de conversa para compartilharem as impressões a respeito dos temas pesquisados e do trabalho em grupo. Ao final, perguntem novamente a eles o que é cultura brasileira, e registrem na lousa as palavras que eles forem dizendo. Por último, comparem as duas lousas, a do início e a do final do trabalho, e percebam o que eles aprenderam com o projeto. É interessante também pedir que registrem, por escrito, uma comparação entre as duas lousas.

9. Educar para a paz

É possível desenvolver um projeto com atividades que eduquem para a paz (tolerância, respeito, convivência com o outro). A partir do seguinte mote, retirado da letra H: “Mesmo com hábitos diferentes, uma holandesa, um hindu e um húngaro hastearam uma bandeira branca e cantaram hinos para a paz”. Esse projeto pode ser desenvolvido de maneira interdisciplinar, com a colaboração dos professores de Arte, Geografia e História.

Para começar, analise com os alunos o poema citado acima. Procure enfatizar as palavras “diferente” e “paz”. Registre-as na lousa. Em seguida, peça que expliquem o que é uma holandesa, um hindu e um húngaro. Organize a sala em três grupos e peça que pesquisem os temas Holanda, Hungria e hinduísmo. Peça que imprimam fotografias de pessoas desses dois países e dessa tradição religiosa. Pergunte aos alunos que motivos as pessoas das fotografias teriam para não conviverem em paz e o que a intolerância poderia desencadear.

Em seguida, como uma atividade aparentemente desconectada da primeira, realizem uma análise de notícias retiradas de jornais. Essa atividade pode ser feita em sala de aula ou em casa, com base nas orientações dadas em sala de aula. Peça que observem a natureza das notícias, sobre o que elas falam e se são relevantes. Juntos, classifiquem as notícias trazidas em boas ou ruins. Em seguida, analisem, juntos, as consideradas ruins e peça que separem-nas em evitáveis e inevitáveis. Por exemplo, um terremoto e uma guerra (é possível também comentar que, embora os terremotos sejam inevitáveis, é possível se prevenir para suportá-los diminuindo o número de vítimas, desde que haja infraestrutura e planejamento). Problematize todas as notícias, instigando os alunos a perceberem que a grande maioria delas poderia pelo menos ser amenizada, caso houvesse mais tolerância, respeito e cuidado com os outros seres humanos.

Traga para a sala de aula notícias sobre atos de intolerância religiosa, cultural, sexual, entre outras. Evite notícias muito impactantes devido à idade das crianças, entretanto não deixe de discutir esses temas tão relevantes para sua educação e com os quais elas, muitas vezes, podem conviver.

Organize, em um próximo momento, um bate-papo com os alunos, para que discutam a paz no cotidiano. Eles acreditam que vivem em um ambiente de paz, de tolerância, de respeito? Em caso negativo, quem promove a intolerância? De que maneira isso poderia ser alterado e como contribuiria para melhorar a vida de todos? Elaborem, juntos, uma lista de atitudes que promovam a paz. Trabalhem com cuidado o conteúdo e a

linguagem da lista. Pensem em como e onde vocês poderiam divulgar essa lista a fim de que ela tenha um grande alcance.

10. Formação de adjetivos

Aproveite o mote retirado da letra **I**: “E se uma iguana irrita outra iguana, uma fica irritante, a outra fica irritada”, para desenvolver atividades de formação de adjetivos com significados diferentes, como “irritada” e “irritante”. Exemplos: amada, amável, amorosa. Façam desenhos que ilustrem cada um dos adjetivos sugeridos acima. O que seria uma pessoa irritada? O que seria uma pessoa irritante? O que seria uma pessoa amável? E uma pessoa amorosa? Aproveite o momento para discutir os processos de formação de palavras, em especial a relação (e as diferenças) entre adjetivos e substantivos. Exemplos: alegre e alegria, coragem e corajoso, sereno e serenidade, força e forte, suave e suavidade, amor e amoroso.

11. Polissemia

Na letra **L** aparece a frase “Acharam a linha muito linha-dura”. Releia-a com os alunos e listem todos os significados da palavra “linha” que encontrarem. Trabalhe, então, o conceito de polissemia e, juntos, levantem algumas palavras que tenham muitos significados diferentes, tais como: ponto, pena, bandeira, pé. Em seguida, coloque a música “Pé com pé”, do grupo Palavra Cantada, para os alunos ouvirem e trabalhe com eles a letra dessa canção. Depois, organize a turma em grupos e proponha que cada um deles escolha uma das palavras polissêmicas apontadas e elabore um texto como o



da letra de “Pé com pé”. Revisem o texto coletivamente, peça que elaborem desenhos que os ilustrem e produzam cartazes para serem divulgados nos corredores da escola de modo que outras turmas possam apreciá-los.

12. Fonemas

Porta, parto, porto. Pasta, pasto, posto.
Pirar, parir, parar. Pirada, parede, parada.
Piso, peso, pose. Peça, poça, poço.
Pipa, papo, popa. Pelar, pilar, pular.
E pio-pio, pife-pife e patati, patatá.

Com base no poema acima, inicie ou retome o estudo dos fonemas. Peça que observem as palavras do texto e percebam que, com a troca de apenas um ou dois fonemas, surgem palavras completamente diferentes. Passe, então, uma série de palavras para que eles possam brincar com elas; solicite que, trocando apenas um único fonema, formem novos vocábulos.

13. Haikai

A partir da leitura dos haicais do livro, desenvolva um trabalho a respeito desse gênero textual. Inicie o estudo com a releitura dos haicais do *Alfabético*. Em seguida, traga muitos outros para toda a turma. Sugestões: haicais de Paulo Leminski, Alice Ruiz e Bashô (traduzidos para o português). Após a leitura de diversos textos selecionados, estabeleçam coletivamente as características desse gênero textual. Relate aos alunos que o haikai (ou *haikai*) é um tipo de poesia japonesa, composta de



apenas três versos breves e centrados na passagem do tempo; é uma poesia que procura dizer o mínimo e sugerir algo.

Em seguida, estabelecendo, se possível, uma parceria com o professor de Arte, sugira o registro fotográfico do bairro ou da cidade e a produção de haicais que acompanhem essas fotografias. Realizem a revisão e reescrita desses textos individual e coletivamente. Para finalizar, organizem uma exposição dos poemas. Escolham um título para o trabalho final dos alunos preparem uma ambientação e uma explicação breve por escrito sobre esse gênero textual.

14. Neologismo/estrangeirismo

Usando palavras aportuguesadas, como quiuí e videoquê (que apareceram no livro), xampu etc., desenvolva um trabalho sobre estrangeirismos. Para começar, peça aos alunos que listem palavras estrangeiras presentes em nosso cotidiano. Provavelmente, a maioria das palavras será da língua inglesa, mas surgirão vocábulos de outras línguas também – se não surgirem, ajude-os a lembrar alguns deles, como *pizza*. O segundo passo é procurar essas palavras no dicionário e veri-

ficar quais delas já estão dicionarizadas e se há versões apor-
tuguesadas. Em seguida, peça que observem, no dia a dia, nos
jornais, revistas e demais suportes (como cardápios, cartazes
etc.) se elas são usadas em sua grafia original ou na grafia
do português. É possível também investigar se temos outros
termos similares para expressar o mesmo sentido dessas pa-
lavras estrangeiras. É possível ainda problematizar o abuso
de estrangeirismos, analisando qual é a intenção do produtor
do discurso ao incluir desnecessariamente palavras de outras
línguas. É importante ainda mostrar o outro lado, isto é, o que

RESPOSTAS DO SUPLEMENTO DE ATIVIDADES

1. Resposta pessoal. Peça aos alunos que compartilhem suas respostas com os colegas.
2. Resposta pessoal. Se possível, leve almanaques novos e antigos para a sala de aula a fim de que os alunos possam conhecer melhor essas publicações e suas características. É interessante também preparar um estudo mais aprofundado sobre o tema. Há um disco de Chico Buarque com esse título (*Almanaque*); uma ideia seria estudar o formato de um almanaque em sala de aula com os alunos e, posteriormente, produzir algo no formato. Outra possibilidade é solicitar uma pesquisa sobre o tema, em que os alunos pesquisem o uso e a importância dos almanaques no passado.
3. a) **Alfabeto fenício:** alfabeto usado pelos fenícios (civilização da Antiguidade que vivia onde hoje se localiza o

na história das línguas sempre houve mistura/assimilação de termos estrangeiros, geralmente em decorrência de domínio tecnológico, econômico e/ou cultural.

Relate aos alunos que o estrangeirismo é um dos tipos de neologismo. Há ainda o surgimento de palavras novas dentro da própria língua, assim como a atribuição de novos sentidos a palavras antigas – esses processos também são tipos de neologismo.

Sugestão de leitura:

- *Emília no país da Gramática*, de Monteiro Lobato. Editora Globo.

Líbano e outros países). O alfabeto fenício possui 22 letras e não tem símbolos para representar vogais, apenas consoantes; as vogais precisavam ser deduzidas pelo contexto. Ele influenciou o longo processo que deu origem ao nosso alfabeto. Professor, se possível, mostre o alfabeto fenício para os alunos.

- b) **Alfabeto grego:** alfabeto instituído por volta de 750 a.C.; está em uso até hoje. Serviu de base para a composição de outros alfabetos, tendo importância fundamental na história da humanidade. Foi desenvolvido com base no alfabeto fenício. Professor, se possível, mostre o alfabeto grego para os alunos.
- c) **Alfabeto cirílico:** alfabeto utilizado por algumas línguas eslavas, como o russo, o bielorrusso, o búlgaro e o ucr-



niano, e até línguas não eslavas, como o mongol. Foi inspirado tanto no grego quanto no hebraico. Professor, se possível, mostre o alfabeto cirílico para os alunos.

4. a) Resposta pessoal. Sugestão: criança coleciona coisas mais simples, divertidas e importantes; adultos colecionam objetos caros e problemas sérios. Peça aos alunos que compartilhem suas respostas e, caso acreditem que os adultos colecionam confusões, peça que apontem quais.
b) Resposta pessoal. Peça aos alunos que, se quiserem, compartilhem suas respostas. Se julgar adequado, solicite que listem o que pode ser colecionado em caixas e o que pode ser colecionado no coração.
c) Resposta pessoal. Atente-os para coisas materiais e também para sentimentos e sensações, por exemplo.
5. a) Resposta pessoal. Abra um espaço na aula para que os que se sentirem à vontade falem sobre sua relação com irmãos, amigos ou outras pessoas que eles consideram irmãos.
b) “Ter ímã” é atrair amigos, ter facilidade para criar vínculos afetivos de amizade. Resposta pessoal. Abra um espaço na aula para que os alunos compartilhem suas respostas.
6. Resposta pessoal. Liste algumas das palavras na lousa para que os alunos as visualizem. Além disso, é possível verificar se há palavras iguais derivadas de nomes diferentes.
7. a) Resposta pessoal. Sugestão: Ler é alçar voo, encontrar outras dimensões, outros espaços, sair de onde está, flutuar, relaxar. A palavra “lambuzar” tem um caráter positivo e dá a impressão de algo muito gostoso de ser degustado. Os livros dão liberdade, na medida que ampliam a visão de mundo e as possibilidades de crescimento pessoal.
b) Resposta pessoal. Abra um espaço para os alunos discutirem a percepção de mundo e de leitura dos dois leitões.
8. Resposta pessoal. Comente com os alunos que os terráqueos somos nós, habitantes do planeta Terra. Atente para a diversidade de características apresentadas pelo texto. Pergunte se eles se identificam com alguma delas. Saliente também que o final do texto pretende destacar a diferença entre os terráqueos.
9. a) Resposta pessoal. Abra um espaço na aula para que os alunos compartilhem suas respostas.
b) Estimule a criatividade dos alunos. Peça que não se limitem apenas ao que existe no mundo, mas que extrapolem a realidade.
10. Resposta pessoal.
11. I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX: Respostas pessoais. Se julgar adequado, abra um espaço na aula para que os alunos compartilhem suas respostas. Incentive a criatividade deles, esse é um bom momento para trabalhar rimas e criação literária.